Bem-Te-Vi

ANO XIX NUM. 11



Novembro de 1941



Vivam as Férias!



Com que satisfação pronunciamos estas palavras!

Férias! Quem é que não gosta?! Basta olhar para o semblante destas quatro crianças. Percebe-se logo a alegria delas. Pudera! E o boletim que vão levando para mostrar aos pais? Então aquelas notas bonitas que alí estão não valem nada?

Vocês bem sabem; não é preciso que lhes diga. E com certeza todos já experimentaram igual prazer, não é mesmo?

Depois de um ano de estudo, é justo que os alunos descansem. Mas para descansar é preciso estar cansado e quem não trabalhou, quem não se esforçou, quem vadiou não merece férias.

Que vem a ser férias? Vadiar, ficar sem fazer nada por dois meses? *Não!* Descansar é mudar de serviço. "Quem descansa carrega pedra", diz o rifão.

Não é só o aluno que se alegra com um bom boletim. Tambem seus pais e mais alguem. Sim, alguem mais, é a professora. Vocês sabiam? A professora sente real prazer ao ver que os alunos estão aprendendo e aproveitando bem o tempo. De igual modo entristece-se ao entregar um boletim com más notas, e, às vezes, até com reprovação. E' sempre uma nota triste em meio à alegria geral do último dia de aula.

E a despedida? Uns não voltam mais; terminaram o quarto ano e já vão ganhar a vida. Outros, porem, lá estarão de novo, sorridentes, no fevereiro próximo. Alguns lembram-se de levar flores ou mesmo um presentinho à professora que tão dedicada os acompanhou o ano todo. Às vezes é ela quem leva balas para a criançada.

E tudo isto fica para sempre como recordação dos tempos escolares, dos bons tempos de infância.

Ao deixar a escola, terão certamente as crianças muitos planos já feitos: — festas, passeios, viagens, piquenique, jogos e muita coisa mais. Gozarão por mais tempo da companhia do papai, da mamãe e dos irmãos. Planejarão o melhor programa para a festa de Natal, cujo espírito é proporcionar alegria *aos outros.*

Precisarão alguns trabalhar de um jeito ou de outro para ter com que pagar a taxa do ano seguinte. Estes não devem entristecer-se não, antes encontrar alegria no próprio trabalho que lhes irá proporcionar o meio de se instruirem; devem, pois, bendizê-lo, sabendo-o abençoado por Deus.

E agora, por 2 meses, demos todos adeus aos livros; adeus às provas, adeus aos coleguinhas, adeus aos professores e um viva, cheio de vida, às férias queridas.

Vivam as férias!

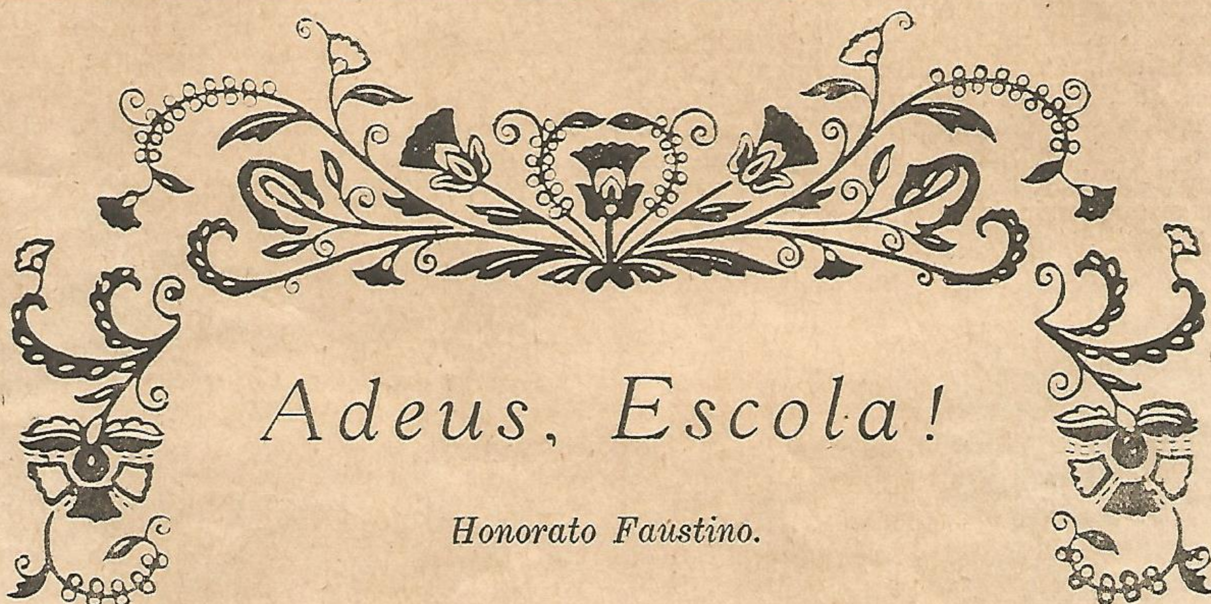
Bem-Te-Vi

ANO XIX ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ **NUM. 11**

Gerente responsável: — Fernando Buonaduce | Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155 — Oficinas: Rua da Liberdade, 659 | Assinatura anual 10$000 — Número avulso . 1$000

Toda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor: Afonso Romano Filho | ● São Paulo, Novembro de 1941 ● | Redatora: Antonieta Gonçalves Gilioli



Adeus, Escola!

Honorato Faustino.

Adeus, Escola, onde aprendemos
Sábias lições e ensinamentos,
Onde, solícitos, colhemos
A flor de puros sentimentos!

No decorrer de nossa vida
Oh! que pungir triste e saudoso
Do que nos faz neste momento
Idealizar porvir formoso!

Hoje aquí somos venturosos,
Mas amanhã quem sabe a sorte
Que guiará nosso batel?
Quem nos dirá qual nosso norte?

Será tranquila a nossa vida
Como a do arrôio murmurante
Que corre, plácido, sereno,
Como o sorriso de um infante?

Ou agitada será ela,
Qual oceano encapelado
Por temporal, que se levanta
A estrugir desenfreado?

Seja qual for nosso destino,
De nossa Escola esta lembrança
Será incentivo para a luta,
Será fanal, será esperança!

Publicando hoje o canto "Adeus, Escola", letra e música do prof. dr. Honorato Faustino, é nosso propósito dar à infância o conhecimento de lindos conceitos tão caros a escolares que ingressam na vida cheia de apelos para grandes obras de valor moral. Este hino, tradicional na história da Escola Normal de Piracicaba, é por suas palavras e música, assaz inspirativo.

Agradecemos ao prof. dr. Honorato Faustino os originais que nos proporcionou, assim como a permissão para que os estampássemos no Bem-Te-Vi.

A República

—Hoje vou falar a vocês, meus sobrinhos, a respeito de nosso Brasil. A data de hoje, 15 de Novembro...

D. Joaquina, professora aposentada, tia de uma porção de garotos, não pôde terminar.

—Proclamação da República—falaram em côro.

E o Antoninho ia começando: "A 15 de Novembro de 1889, o marechal Manuel Deodoro da Fonseca...

—Espere, Antoninho, calma, — disse d. Joaquina. Nós sabemos muito da Proclamação da República.

Deodoro, Benjamim Constant, Quintino Bocaiuva, Campos Sales, Lopes Trovão, Glicério, Silva Jardim, Aristides Lobo Prudente de Morais, Rangel Pestana, foram grandes propagandistas e operários da República, secundados por muitos outros, que seria longo enumerar.



Marechal Deodoro da Fonseca.

Mas hoje vamos falar de um outro brasileiro que veio estabelecer a República como deve ser.

República é govêrno do povo, pelo povo, e para o povo.

Ora, a boa vontade e a lealdade daqueles homens, que muitas vezes expuseram a vida pela República, foi ludibriada por homens que, valendo-se das posições, faziam do Estado um patrimônio seu e dos amigos.

—Que quer dizer isso, tia Joaquina?

—Quer dizer que procuraram o bem deles e dos amigos; distribuiam os cargos públicos para os protegidos; não velavam pelos operários. Ignoravam que a grandeza de um povo reside na classe pobre que é a grande maioria.

—Então, titia, a classe pobre vale mais do que a rica?

—Não é isso, Antoninho. Todos, perante a Pátria, têm valores iguais. Mas o operário, o trabalhador, é a grande massa que constrói, edifica, arranca da terra as riquezas, planta, tece, funde e defende a Pátria de armas na mão, quando preciso.

—Agora entendo, tia!

—Mas eles são a classe mais pobre. E' preciso que o governo cuide deles, protegendo-os contra a exploração dos maus patriotas. Tambem é necessário que o governo dê assistência aos operários; médicos, dentistas, pensões para casos de doença e velhice, hospital, colônias de férias e outras cousas mais.

—Ah! tia, agora eu entendo como a República deve ser do povo, pelo povo, e para o povo.



Getúlio Vargas.

—Vou hoje, meus sobrinhos, colocar nesta sala um retrato. Está aquí. Vejam vocês de quem é esse retrato.

Tia Joaquina desembrulhou o quadro e os sobrinhos gritaram:

—GetúlioVargas!

—E' mesmo do presidente Getúlio Vargas, meus sobrinhos.

Em 1930 o povo brasileiro fez uma revolução para acabar com a exploração que os políticos faziam dos cargos públicos. O presidente Getúlio Vargas foi empossado pelo povo na presidência da República. O Exército Brasileiro, cujo dever é fazer cumprir a vontade do povo, ficou ao seu lado.

Faz agora 10 (1) anos que o Presidente Vargas governa o Brasil. Seu governo

(1)—Este artigo foi publicado em 1940; deve-se, portanto ler 11 e não 10.

tem sido cheio de obras de valor. E' uma alma boa, sem rancores e sem qualquer sentimento de vingança. Mesmo os adversários que tentaram contra sua vida jamais sofreram dele qualquer opressão.

—Tia Joaquina, quais são as obras mais importantes do seu governo?

—Vou falar depressa e sem rodeios, porque são muitas; deu ao trabalhador o direito de férias anuais remuneradas; a estabilidade no emprego, depois de 10 anos, isto é, não pode ser demitido sem causa justa; organizou institutos de previdência para dar ordenados ao trabalhador, quando doente, e quando não puder trabalhar mais, e pensão às viúvas e filhos menores; protegeu o trabalhador brasileiro contra a concorrência dos estrangeiros; estabeleceu um ordenado ou salário certo, de modo que os patrões não possam pagar menos do que esse ordenado; providenciou a construção de escolas, restaurantes e casas para os trabalhadores e outras cousas mais.

Em outras atividades cuidou do nosso Exército, da construção de navios e aeroplanos; da educação cívica dos moços, na escola e nos quartéis; criou colônias agrícolas; protegeu a família; aumentou a cultura do trigo e da mandioca, do algodão e desenvolveu a indústria pastoril; realizou em o Norte obras contra a seca; cuidou da siderurgia, para que possamos produzir ferro e aço; abriu estradas; eletrificou a Central do Brasil em parte, e cuidou de rasgar novos leitos; nacionalizou as zonas de influências estrangeiras; conseguiu descobrir o petróleo que teimavam em ocultar; reorganizou o ensino; dotou o país de excelentes códigos; extinguiu o regionalismo, fazendo com que a idéia da Pátria, una e forte, substituisse a idéia de pequeninas pátrias.

—Tudo isso ele fez sozinho, tia?

—Não. O Presidente Vargas tem auxiliares de sua confiança nos Ministérios e nos Estados, os quais procuram realizar os seus planos.

—A senhora se lembra dos nomes deles?

Sim, meus sobrinhos. Na pasta da Justiça está o dr. Francisco de Campos, homem inteligente e culto que muito tem feito em favor da organização política; na Pasta do Exterior está o dr. Osvaldo Aranha, tambem uma lúcida inteligência e um dos chefes da revolução de 30; na Pasta da Educação está o dr. Gustavo Capanema, que tem feito tudo para que o Brasil seja, no terreno da cultura um grande país; na Pasta do Trabalho está o dr. Valdemar Falcão, grande amigo dos trabalhadores e que tudo tem realizado para o bem deles; na Pasta da Agricultura está o dr. Fernando Costa (2) agricultor que ama o solo brasileiro, pronto a incentivar tudo quanto possa enriquecer os nossos celeiros; na Pasta da Viação está o general Mendonça Lima, homem de grande honestidade e de largo descortino; nas Pastas da Guerra e da Marinha se encontram o general Eurico Dutra e o almirante Guilhem, os quais preparam os nossos soldados e velam noite e dia pela nossa segurança.

E depois de todos, na Pasta da Fazenda, está o dr. Souza Costa, que é o timoneiro das nossas finanças, para que tudo corra dentro das nossas possibilidades.

E... além desses, há um exército de instituições oficiais superiores, todos trabalhando em harmonia para o bem de nosso querido Brasil e de todos nós.

—Ora, tia, e nós, não temos nada a fazer, com tanta gente trabalhando?

—Temos, sim, meus sobrinhos. Cada um de nós deve cumprir o seu dever, onde quer que esteja, como bom brasileiro; amar e prestigiar as autoridades; repelir com energia todas as ideologias estrangeiras que pretendam perturbar a nossa paz; repelir todo o pessimismo, e preparar-se para serem bons soldados e ótimos cidadãos.

—Tia, enquanto a senhora vai colocar o retrato na parede nós cantaremos o Hino Nacional.

—Muito bem, meus sobrinhos.

—Viva a República!

—Viva Deodoro!

—Viva Getúlio Vargas.

E a pequenada repetiu com alegria: Viva!!!

(Extr. do "Expositor Cristão").

(2)—Atualmente digno Interventor do Estado de S. Paulo.

NOSSOS PRESIDENTES

Marechal Deodoro da Fonseca
Floriano Peixoto
Prudente de Morais
Campos Sales
Rodrigues Alves
Afonso Pena
Nilo Peçanha
Hermes da Fonseca
Wenceslau Braz
Epitácio Pessoa
Artur Bernardes
Washington Luis
Getúlio Vargas

Serão vocês capazes de dizer de cór e em ordem os nomes de todos os presidentes que já teve o Brasil?

Snr. Sozinho e Arisco

Capítulo IV

A DESCOBERTA DO ARISCO

(Conclusão)

De volta do circo o snr. Sozinho soltou a girafa e o Diamante no pasto; entrando em casa, deu por falta de Promessa que não os veio receber com o seu latido amigo e nem arranhar a porta enquanto ele a abria. Chamou por ela mas qual, nem um latido nem nada.

— Onde estará ela? Com efeito, alguma coisa deve ter acontecido.

O Arisco, cansado de escorregar, bocejava de sono e nem era capaz de pensar em nada, senão em dormir. Era a primeira vez, desde o primeiro dia de sua visita, que ele ficava quieto e sossegado.

— Bem, você vai deitar-se e eu vou ficar lendo até tarde da noite, à espera de Promessa.

E leu, leu, leu o livro inteiro e nada de aparecer o cachorro. Pegou outro livro e continuou a ler. Quís principiar a leitura do terceiro mas já era de madrugada e ele não aguentou; alí mesmo no sofá, dormiu sobre o livro. Acordou às 7 horas com o "bom-dia" do Arisco.

Sua primeira pergunta foi:

— Como é, você viu a Promessa?

— Eu não, estou-me levantando agora e ainda nem comí o meu prato de milho.

O snr. Sozinho estava aborrecido com o desaparecimento da Promessa, tanto que antes do café foi dar uma volta, esperançoso de encontrá-la em alguma parte. Depois de uma boa caminhada sem resultado algum, voltou bastante contrariado. Encontrou o Arisco dando comida para o cavalo e a girafa.

— Encontrou? perguntou o Arisco.

— Nem sombra, foi a triste resposta. Temo que ela esteja perdida.

O Arisco, tambem sentido com o desaparecimento da Promessa, passou o braço em volta do pescoço do snr. Sozinho e confortou-o:

— Havemos de achá-la. O que precisamos é procurar com cuidado. Eu irei montado na girafa; acho que as girafas são próprias para procurar as coisas, no alto, já se vê.

Entre esperançoso e desconfiante o snr. Sozinho foi com o Arisco. Talvez a Promessa tivesse acompanhado algum circo pois já o fizera uma vez. Conseguiria encontrá-la agora? Quereriam dá-la de volta? E assim o snr. Sozinho ia fazendo mil e uma suposições, cada uma pior que a outra.

Procuraram à beira do rio e pelo pasto. Entraram no mato, assobiando e chamando por ela. Desanimado, o snr. Sozinho soluçou: coitada da Promessa, está perdida mesmo.

O Arisco tambem estava triste; os cantos da sua boquinha estavam virados para baixo. De repente, tomou uma resolução: — Encontrar a Promessa, custasse o que custasse — em sinal de gratidão pelo muito que o snr. Sozinho lhe fizera.

Em silêncio voltaram para casa; nenhum se sentia disposta a conversar. Assim que entraram em casa, o Arisco disse ao snr. Sozinho, pondo-lhe a mão no ombro:

— Agora o senhor vai deitar e dormir um pouco porque não adianta nada à Promessa o senhor ficar sem dormir. Quem não descansa e não dorme fica doente.

O bom homenzinho, reconhecendo a veracidade das palavras do Arisco, seguiu o seu conselho e foi deitar-se um pouco.



O Arisco, vendo-o deitado, sentou-se para pensar sossegado. Mas os Ariscos não pensam bem estando sentados, é preciso estarem escorregando ou balançando. Ele quís escorregar nas pernas da cama, quís subir no candelabro, mas temia acordar o snr. Sozinho.

Depois de estar sentado por algum tempo e sem nada pensar, saiu e montou a girafa. Ah! Nem bem começou a andar e escorregar, teve uma idéia. Iria ao circo ver se a Promessa estava lá, pois às vezes os animais estranhos ao circo e que lá apareciam, eram apanhados e presos. Talvez a Promessa os tivesse acompanhado no dia anterior sem que eles a vissem, tendo ficado lá presa.

— Há por aquí algum animal novo apanhado de ontem para hoje? perguntou ele ao guarda, com muita delicadeza.

— Sim, diversos. Quer ver?

O Arisco então soltou a girafa para que fosse ver seus velhos amigos do circo, e com o coraçãozinho a bater de esperança e dúvida, correu a ver se andava por alí a Promessa.

— Não, não é o que procuro, disse ele muito desapontado.

Havia lá dois cachorrinhos, bonitinhos até, mas não era a Promessa. Com um assobio chamou a girafa e voltou para casa muito, muito triste. Soltando-a no estábulo com o Diamante, sentou-se no sofá, tentando pensar por onde andaria a Promessa. Mas nenhuma idéia lhe vinha estando alí sentado.

Foi ao paiol. Lá poderia trepar e balançar-se à vontade, sem acordar o snr. Sozinho e talvez, nesse movimento, tivesse alguma idéia brilhante.

Com esse pensamento o Arisco entrou pela grande porta a dentro e foi logo subindo pela primeira vigota que encontrou. E subiu, acima da vaca, acima do feno e foi até o telhado onde estavam as pombas. Lá no alto, bem no alto, sentiu um bem-estar como há muito não sentia.

Balançou-se a valer, como um verdadeiro acróbata. Via o feno bem abaixo de seus pés, mas isto não o assustava nem um pouco, pois trepar era próprio de sua natureza. Ele queria subir mais ainda e quando estivesse lá bem no piquinho com certeza começaria a ter idéias e das melhores.

O Arisco já estava no telhado quando ouviu um barulhinho; não era bem latido nem choro; parecia

um gritinho. "Que será?" pensou. De novo o mesmo som, vindo do feno, exatamente em baixo dele.

Desceu como um relâmpago; escorregou aquí, segurou alí, pulou acolá e num abrir e fechar de olhos ei-lo rente com o som. A primeira coisa que viu foi um narizinho preto, a segunda coisa que ele viu foi um narizinho branco e a terceira coisa que ele viu foi um narizinho rosado e por cima de todos a Promessa de nariz preto e marron.

— Promessa! Promessa! foi a sua exclamação.

Promessa apenas latiu e sacudiu o rabo; e os três cachorrinhos tambem sacudiram o rabinho porque todos eles estavam muito contentes.

— Promessa! Por que você não falou? Por que não contou para nós?

Mas Promessa não disse nada, apenas sacudiu o rabo novamente.

O Arisco não esperou mais. Saiu correndo, louco de satisfação e muito afobado chamou o snr. Sozinho:

— Acorde, snr. Sozinho, acorde, vamos ao paiol ver a surpresa que o espera!

O snr. Sozinho acordou um tanto nervoso e ainda cansado mas sem dizer palavra, acompanhou o Arisco.



Ao dar com a Promessa e seus três filhinhos, ficou tão admirado como o Arisco e muito, muito contente. Abraçou então a Promessa, abraçou os cachorrinhos, um por um, e abraçou tambem o Arisco.

E contemplando os cachorrinhos tão bonitinhos e engraçadinhos, teve de repente uma idéia:

— Promessa, entremos num acordo: um cachorrinho fica seu, um fica meu e um fica do Arisco porque foi ele quem a encontrou, não é?

Isso dizendo, o snr. Sozinho deu um pulo do feno e atrás dele a Promessa deu outro pulo, mas o Arisco ao invés subiu ao telhado e lá no alto sentou-se muito sorridente com os cantos da boca a tocar-lhe nas orelhas.

O Patinho Come à Vontade

A mãe do patinho defeituoso era uma galinha. Sim, pois ele nasceu no seu ninho entre nove pintinhos. Ao ver o filhinho de bico chato e dedos unidos, a mãe tomou-o por defeituoso. Daí o seu cuidado especial para com ele. Penalizava-se ao vê-lo tão desajeitado no andar enquanto que os outros, ligeiros e com graça pulavam aquí e alí. Um dia, entretanto, estando ela a dar com a ninhada o seu passeio matinal, aproximou-se da lagoa, na divisa do terreiro. O patinho, sem nada consultar com a mãe, foi entrando nágua. Ela, coitada, aflita, batia as asas, chamava, mas qual, o patinho, sem que ninguem lhe ensinasse, nadou um pouquinho e voltou satisfeito com a estréia. A mãe, entretanto, não podia deixar passar impune tanto atrevimento e deu-lhe como castigo uma porção de bicadas. Um tanto humilhado, mas no íntimo radiante com a nova diversão, ele passou o dia. Desse dia em diante tanto a galinha como os pintinhos começaram a olhá-



lo com máus olhos. Os outros patos já o haviam desprezado e traziam-no num cortado por ter nascido no ninho de galinha.

Todavia o Defeituoso era um patinho de fibra e não se deixou abalar por isso; tratou antes de fazer vida como melhor pudesse e não perdia ocasião de tomar o seu banho e de refrescar-se na lagoa; aprendera tambem a procurar por si algum bichinho ou grão com que matar a fome, pois no galinheiro, à hora da comida, a galinha só cuidava dos pintinhos e o galo e os patos davam-lhe picadas mal se aproximava deles.

Certo dia ele ficou sem comer nada, porque estava nadando no momento em que os outros foram tratados. Os grãos que costumava encontrar perto do paiol já tinham sido nesse dia, encontrados pelo ganso. E a fome começou a incomodá-lo.

Parou então à beira da lagoa, muito triste e faminto.

Um sapo que morava alí debaixo da pedra e já o conhecia, disse:

— Vamos dar um passeiozinho pela água?

— Agora não, estou morto de fome.

— Fome? repetiu uma voz, que vinha do alto. Eu sei onde há uma porção de milho; eu não como porque estou satisfeitíssima.

O Defeituoso virou a cabeça e viu uma pêga no galho da árvore.

— Oh! Por misericórdia, diga-me onde está o milho, suplicou ele, esquecendo-se do que a mãe lhe dissera, que não desse ouvidos ao que a pêga lhe falasse.

— Venha por aquí que eu mostro.

O patinho acompanhou o astuto pássaro, mata a dentro.

Efetivamente, era milho e bastan-





te! Imaginem vocês a alegria dele. Nunca um milho lhe soube tão bem assim.

Pôs-se a comê-lo avidamente e nem cogitou de saber por que estava a pêga a rir tanto, pousada no galho próximo. Começou pelos gãos soltos e segurando a espiga no bico bateu-a com força para debulhar. Nisso ouviu um barulho atrás de si. Virou-se e só então percebeu que caira numa armadilha.

"Ah! Por isso", pensou ele, "por isso é que a pêga estava rindo tanto... Ela sabia então. Não faz mal, de outra vez eu me lembrarei do que me diz a mamãe galinha".

Procurou com o bico forçar o arame. Não podendo, desistiu.

"Que faço eu aquí? Ah! Já sei, vou gritar."

E começou: *quéc, quéc; quéc, quéc.* Gritou, gritou até cansar-se; não apareceu ninguem.

Descansou um pouco e recomeçou: *quéc, quéc; quéc, quéc*, e continuou gritando até que apareceu o Bastião a ver o que tinha acontecido.

— Ah! seu maroto, então foi você que caiu aí? Tudo isso é fome ou gulodice?

E pegando-o para soltar da prisão, deu muita risada porque o papo dele estava para arrebentar de tão cheio.

Mas o patinho, alegre por se ver novamente livre e de papo cheio, pouco se incomodou que o Bastião caçoasse dele.

Batendo as asinhas, foi para casa, dizendo a toda hora: *quéc, quéc; quéc, quéc;* desta estou livre, noutra não caio.



Brasileiros ilustres

•

Getúlio Vargas

D. I. P.

A 19 de Abril de 1883 veio ao mundo, na cidade de São Francisco de Borja, no extremo sul do Brasil, uma criança que se chamou Getúlio. Era o terceiro filho do general Manuel Vargas e de D.ª Cândida Dornelles Vargas. A sua infância passou-se tôda na velha cidadezinha natal, ou na fazenda do "Triunfo", propriedade da família. Foi um menino retraído e concentrado, de compleição robusta e temperamento ativo. Quando não estava ocupado em estudar as lições, gostava de atirar o laço, carnear a rez, montar num potro bravio, galopar, à desfilada, pelas savanas verdejantes, como um índio livre. Uma vez, tinha sete anos, quando Pinheiro Machado, que depois se tornou um dos vultos de maior destaque da política brasileira, visitando o general Vargas, reparou naquele menino que ficava escutando atentamente a conversa da gente grande. Impressionado com a profundeza do olhar infantil e a capacidade de atenção de que era capaz o garoto, não se conteve e disse:

—General Vargas, este menino irá muito longe. Quem sabe se não estará aqui um dos futuros chefes da República?

Em 1897, com 14 anos, vai reunir-se aos irmãos mais velhos que estudavam em Ouro Preto. Na antiga cidade mineira botou o primeiro par de calças compridas. Dois anos depois voltou a S. Borja. Aos 16 anos sentou praça no 6.º Batalhão de Infantaria, sediado naquela cidade. No ano seguinte já era segundo sargento. Embora o regulamento lhe permitisse dormir em casa, preferia não se afastar da caserna, passando as noites sobre a tarimba, leito espartano do soldado. Em 1899, por autorização do Ministro da Guerra, matriculou-se na Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo. Era o primeiro degrau para o acesso ao oficialato do Exército. Mas aconteceu que um grupo de cadetes se insurgiu, uma vez, contra certa medida de um instrutor. Embora não fizesse parte do grupo dos descontentes, o cadete Getúlio preferiu manifestar solidariedade aos colegas e por isso foi desligado com os demais. Tinha 19 anos. Voltou para a tropa e matriculou-se na Escola Brasileira, afim de concluir o curso de humanidades. Nesse intervalo, entrara o novo século. Em todo o mundo reboou um frêmito de esperança. O século XX despontava para a Humanidade repleto de anunciações fagueiras. O joven soldado-estudante assistiu a essa festa universal no cumprimento tranquilo de seus duplos deveres. Em 1903 toma a resolução de deixar a farda. Mas surge a questão do Acre. Corre o sangue de brasileiros nas florestas misteriosas e traiçoeiras da Amazônia. Entre os corpos escalados para seguir para a fronteira estava justamente o 25.º Batalhão de Infantaria onde servia o moço estudante. Incontinenti adia a sua decisão e segue com o seu batalhão. Pouco depois era outra vez sargento com quatro divisas. O 25.º B. I. foi estacionar em Corumbá à espera dos acontecimentos. Mas o Barão do Rio Branco atalhou a calamidade da guerra. Foi assinado o tratado com a Bolívia. O sargento Getúlio regressa ao Rio Grande do Sul. Tinha vinte anos. Resolve estudar Direito. Foi um estudante de mão cheia. Manuseava os compêndios com afinco e lia incessantemente. Bacharel em Direito, é nomeado promotor público da comarca de Porto Alegre, em 1908. Mas vendo que a natureza do cargo não se coadunava com a formação do seu espírito, solicita e obtem exoneração. No ano seguinte é eleito deputado à Assembléia dos Representantes do Rio Grande do Sul. Em 1911 casa-se com D.ª Darcy Sarmanho, criatura cuja bondade de sentimentos haveria de consagrá-la, mais

tarde, na veneração dos brasileiros. Em 1917 é eleito mais uma vez deputado estadual, assumindo a liderança da maioria republicana.

Em 1923 toma assento na Câmara Federal, como representante do Rio Grande do Sul. Consegue grangear a estima e o respeito de seus pares, pela sua compreensiva inteligência e pela sua firmeza temperada de tolerância. Era o lider da bancada da maioria do R. G. do Sul, quando foi convidado para ocupar a pasta da Fazenda no último governo da primeira República. Um ano depois de investido nas funções ministeriais é eleito presidente do seu estado natal. Ia soar para o Brasil uma hora histórica.

As desilusões de um regime, as impaciências populares e a fé formidavel do povo brasileiro em seu próprio Destino, crepitando sob esse báratro de instituições desmoronantes, iam eclodir num movimento que varreu toda a Pátria, acendendo em cada coração de brasileiro uma chama votiva de esperança. Foi a Revolução de 1930.

À sua frente vinha a figura misteriosa de um homem: Getúlio Vargas. À sua mão segura, porém suave, deve o Brasil o ter atravessado em segurança um período de profundas transformações e de inquietações de tôda ordem. Passaram os anos de governo discricionário e entrou-se no período regido pela Constituição de 34. Nesses anos todos o Brasil enfrentou grandes perigos e de todos saiu mais forte e mais conciente de si mesmo.

Um Homem velava pelo Brasil. Nos conciliábulos misteriosos com o Destino, ele escutava as vozes do futuro e indicava o rumo certo a seu povo. Surgiam e envelheciam rapidamente as fórmulas de governo e os quadros de dirigentes. Mas a figura do Chefe continuava atual e presente no auge dos acontecimentos, imprescindivel na torre de comando. E o seu segredo era muito simples: nunca perdera a comunicação com o povo. O instinto divinatório das massas compreendia intuitivamente o Chefe que nem sempre era compreendido pelos políticos, emaranhados numa cadeia de conveniências pessoais. E o Brasil amadurecera para uma realidade maior.

Ninguem se dava conta das mutações profundas que se operavam no seio de todas as classes. Cristalizara-se na inteligência do povo a necessidade de alguma coisa que deveria surgir. Tudo estavà pronto para a grande metamorfose. Bastava apenas que uma luz nova iluminasse o painel gigantesco que se esboçara no laboratório sombrio da História. E as sombras foram dissipadas à luz que raiou com a manhã de 10 de Novembro de 1937.

Era a revelação sensacional do Brasil a si mesmo. Tínhamos finalmente um Regime talhado nas proporções do Brasil, atingindo as lindes mais remotas dos seus infinitos horizontes e projetando-se verticalmente, como a espinha dorsal de uma hercúlea construção política, na amplidão incógnita dos tempos a vir.

Nesse Regime, os trabalhadores do Brasil encontraram finalmente o seu lugar ao sol, integrados na sociedade e no destino da Nação. Na Carta de Novembro foram garantidos todos os seus direitos legítimos, os quais, aliás, o presidente da República sempre porfiara por defender, mesmo através dos empeços constitucionais e das limitações burocráticas dos anos anteriores a 37.

A sindicalização, os Institutos de Aposentadoria e Pensões, a lei das oito horas, o pagamento suplementar das horas excedentes, as férias remuneradas, a garantia no emprêgo, a nacionalização do trabalho, a regulamentação do trabalho das mulheres e dos menores, os refeitórios fabrís, a exigência de higiene e confôrto nos locais de trabalho, a casa própria, a reforma da lei de acidentes no trabalho, o amparo por todos os meios à família e à prole, o direito à instrução, as convenções coletivas de trabalho, os cursos de aperfeiçoamento profissional para os trabalhadores, o salário mínimo, a Justiça do Trabalho cuja legislação é uma das mais adiantadas do mundo — tôda essa gigantesca e complexa obra de proteção e assistência demonstra claramente que o bem estar das classes operárias é uma das preocupações permanentes do presidente Getúlio Vargas.



Adeus, Escola!

CANTO ESCOLAR DE DESPEDIDA

LETRA E MÚSICA DE HONORATO FAUSTINO

Piano

p cresc. f p

mf cresc.

f rall. p a tempo

mf

p cresc. f

p rall. 1 2 ff

PARTES DAS DUAS VOZES

1.ª voz

1. Adeus, Es-co - la, onde a-prende-mos Sá - bias li-çõ - es e en - si - na-
2. Se-rá tranqui - la a nos-sa vi-da Co-mo a do arro - io mur - mu-

2.ª voz

p

A-deus! A-deus, sá - bias li - çõ - es e en - si - na-
Se-rá! Se - rá co-mo a do arro - io mur - mu-

mentos On-de, so - lí - ci - tos, co-lhe-mos A flor de pu-ros sen-ti-men - tos! No de-cor-
ran - te Que corre plá - ci - do, se - re - no, Como o sor-ri - so de um infan - te? Ou a - gi-

mf *cresc.* *f* *rall.* *a tempo*

mentos On-de, so - lí - ci - tos, co-lhe-mos A flor de pu-ros sen-ti-men - tos!
ran - te Que corre plá - ci - do se - re - no, Como o sor-ri - so de um infan - te?

rer de nos-sa vi - da, Oh! que pungir tris-te e sau - do - so Do que nos
ta - - - - da se - rá e - la, Qual o - ce - a - no en - ca - pe - la - do Por tem - po-

mf

No de-cor-rer de nos-sa vi - da, Oh! que pungir tris-te e sau - do - so
Ou a - gi - ta - da se - rá e - la, Qual o - ce - a - no en - ca - pe - la - do

faz nes - te mo - men - to I - dea - li - sar por - vir for - mo - so! Ho - je a - qui
ral que se le - van - ta A es - tru - gir de - sen - fre - a - do? Se - ja qual

p

Do que nos faz nes - te mo - men - to I - dea - li - sar por - vir for - mo - so!
Por tempo - ral que se le - van - ta A es - tru - gir de - sen - fre - a - do?

so - - - - mos ven - tu - ro - sos, Mas, a - ma - nhã quem sa - be a sor - te Que gui - a-
for nos - so des - ti - no, De nossa es - co - la es - ta lembran - ça Se - rá in - cen-

Ho - je aqui so - mos ven - tu - ro - sos, Mas, a - ma - nhã quem sa - be a sor - te
Se - ja qual for nos - so des - ti - no, De nossa es - co - la es - ta lem - bran - ça

rall. 1 2

rá nos - so ba - tel? Quem nos di - rá qual nos - so nor - te? 𝄋
ti - - - vo pa - ra a lu - ta Se - rá fa - nal se - rá es - pe - - - - ran - ça!

Que gui - a - rá nosso batel? Quem nos di - rá qual nos - so nor - te?
Oh! sim, se - rá! Oh! sim, se - rá! Se - rá fa - nal, se - rá es - pe - - - - ran - ça!

O LANCHE ESCOLAR

Rubens do Amaral

Um inquérito junto às escolas secundárias que mantêm externatos — e que são a grande maioria, — averiguou serem raras as que instalaram serviço de lanche para seus alunos. Em algumas, há à venda pães, sanduiches, pasteis, biscoitos, doces de massa, café, chá, leite, chocolate. As frutas quasi sempre são esquecidas.

A duração comum das aulas, nos cursos ginasiais, é de quatro horas diárias. Em certos dias, quando há ginástica, trabalhos práticos, etc., temos cinco horas. Acrescente-se mais uma hora para o trajeto de ida e volta entre a casa e a escola,. Verificar-se-á que os alunos permanecem pelo espaço de cinco, seis horas, sem refeição. Sabendo-se que o tempo médio da digestão anda por três horas, temos que a segunda metade das aulas é dada a alunos momentaneamente debilitados pela fome e seus efeitos depressivos sobre a fisiologia e a psicologia. Isto, ainda, supondo-se que as refeições tomadas em casa tenham sido suficientes em quantidade e qualidade, o que poucas vezes acontece.

Não se trata, porem, de nenhum problema dificil. A questão é, somente de iniciativa e ação. Os externatos que criaram o serviço de lanche sustentam-no com as próprias rendas. E' possivel vender as pequenas refeições, aos alunos, a preços módicos e cobrindo todas as despesas de material e pessoal. São experiências já feitas, que deram razoaveis resultados econômicos, aliás muitíssimo secundários. O que importa, no caso, é a manutenção do nivel de vitalidade dos estudantes durante as aulas, o corpo nutrido e o espírito alerta, com a ajuda ainda do repouso que o lanche faculta.

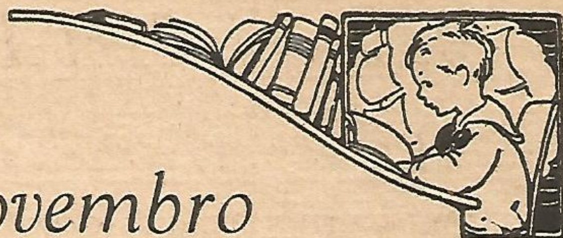
Os alunos podem levar o lanche de casa. Na prática, porem, a verdade é que não levam. Mamãe esquece-se de prepará-lo. Os meninos, na hora de sair, esquecem-se de pedí-lo. Ou então acontece que enjoam do pão com carne ou com linguiça, das bolachas, da merenda arranjada em casa e que não varia. Leite ou chá exigiriam recipientes dificeis de carregar. Ovos, só poderiam ser cozidos, duros, indigestos.

A solução é, pois, o pequeno refeitório, de refeições ligeiras, que não deve ser um negócio para os estabelecimentos, mas não lhes dará prejuizo.

O mesmo, com modificações, se faria nos grupos escolares. Aquí, presume-se mais baixa média econômica nos alunos. Deve entrar em ação, portanto, a caixa escolar, contribuindo para as despesas do lanche. Os que puderem comprar, compra-lo-ão, com poucos tostões. O lucro que deixarem, somado à contribuição da caixa escolar, custeará a sopa, o copo de leite, o sanduiche, o pão com manteiga, o complemente exíguo, mas util, que a escola fornecerá à deficiente alimentação da criança proletária no lar.

O lanche escolar é quasi nada na questão alimentar brasileira, que pode servir de base à reforma da nacionalidade, dobrando-se a eficiência econômica do nosso povo só com dobrar-lhe a média das rações, em quantidade, e tambem pela racionalização. Mas, porisso mesmo que a empresa é vastíssima e complexíssima, devemos atacá-la por todos os lados e de todas as maneiras. E, quando ao menos os escolares, em fase de crescimento e formação, tiverem sua nutrição melhorada, será o bastante para que acreditemos na maior robustez da nova geração, habilitada, em consequência, à realização de novos progressos, em sucessivas etapas ascendentes.

A instituição do lanche escolar, nos ginásios e nos grupos, cada qual com a organização adequada, terá poder para transformar a nossa gente até torná-la digna da terra, para que nunca mais se diga que no Brasil tudo é grande, exceto o homem.

15 de Novembro

Cena Patriótica de Elza de Moura
(Akelá dos lobinhos da A.E.D.C.)

CENA ÚNICA

PERSONAGENS : — José, Roberto, Júnia, Carlos, Elizabeth, Márcio e Lúcia. (crianças de idade escolar).

CENÁRIO : — Sala de estudos, com u'a mesa ao centro, sobre a qual estão alguns livros, cadernos, um globo terrestre e outros objetos de estudo.

AMBIENTE : — Todas as crianças, menos José, estão sentadas à mesa. Umas lêm, outras escrevem. Abre-se a porta e entra José com uma bola, fazendo muito barulho. As crianças fazem gestos de impaciência.

José — O' turma estudiosa !. . . Não sei o que tanto interessa a vocês ! Não gosto de estudar. Gosto da pelota (bate com a bola no chão). Gosto de rodar pião ! (gesto próprio). Empinar papagaio ! (gesto próprio). Não vejo utilidade nos estudos. A minha cabeça está vasia ; aborreço-me na escola . . . Não sei como me livrar dela !

Lúcia — Nós sabemos disso muito bem. Faça menos barulho e não nos incomode com suas lamúrias. Seja da nossa turma : gostamos de brincar e tambem de estudar.

Júnia — Valeu a pena a aula de História que tivemos. O nosso professor sentiu tanto entusiasmo que transformou o ponto num eloquente discurso. Que sublime orador ! Que episódio magnífico de nossa História !

Roberto — Sim ! O 15 de novembro significa para nós, brasileiros, a realização do nosso maximo ideal político . . .

José — Gosto muito do mês de novembro. Temos quatro feriados, isto é, quatro dias de descanso. Nesse mês, sentimos já um ar diferente : é a nossa próxima emancipação, não política, mas escolar. Ditosas férias !

Carlos — Você é incorrigivel, José ! Interrompeu o Roberto quando falava sobre o 15 de novembro.

José — Perdão, colegas. De agora em diante escutarei somente, nada falarei.

Elizabeth — Não sei porque o José não gosta de estudar. A nossa História é rica de acontecimentos interessantes. Sem os lances dramáticos de uma Revolução Francesa, sem os episódios homéricos da gente lusitana, sem as complicações dos Balkans e sem a anarquia de uma Rússia Imperial, tem, contudo, trechos belíssimos, heróicos e sublimes.

Márcio — O povo brasileiro, simples e bom, foi sempre cioso da sua liberdade. Desde os primórdios da nossa História, vemos a preocupação maxima da nossa gente : a sua incondicional liberdade.

Júnia — Essa raça altiva, produto de tres elementos que podiam tudo desconhecer exceto a sua liberdade, não podia sofrer a mínima opressão por parte de seus dirigentes. Como resultante dessa aspiração, vemos as páginas da História Brasileira marcadas pelos acontecimentos tendentes a levar a nossa liberdade ao maior gráu possivel.

Roberto — E' com orgulho que relembro os fatos bastante conhecidos, mas cheios de interesse, em prol da nossa liberdade : a epopéia sublime da Inconfidência Mineira, a Confederação do Equador, a Guerra dos Farrapos. Mesmo depois

de consumada a nossa independência, o nosso desejo de liberdade sob forma mais perfeita era tão profundo que o 15 de novembro de 1889 culminou as nossas aspirações.

Lúcia — De toda a nossa História, o período que mais me empolga é o que abrange a independência e a Proclamação da República. E' o período da intelectualidade, da tribuna, da coragem e até da audácia.

Elizabeth — Tem razão. O jornalismo brasileiro contava com os mais eminentes homens daquele tempo: Nabuco, Joaquim Serra, Patrocínio, o grande Rui Barbosa, Gusmão Lobo . . . O'! cérebros e corações empenhados em luta de titans — pelos escravos e pela República. Quisera viver naquele tempo para ouvir as arrojadas frases de Patrocínio, "a finura e a plástica de expressão" de um Gusmão Lôbo! . . .

Márcio — Não sei como o José não se entusiasma com a nossa gente! Povo de coração grande e amoroso, de carater e de valor.

Carlos — Vejo na minha imaginação o Marechal Deodoro, firme no seu cavalo, vibrando de patriotismo e entusiasmo, sob a luz ardente do sol brasileiro, proclamando a República, dizendo em alto e bom som que o Brasil atingia naquele momento a mais perfeita fórma de governo: a República! — governo do povo para o povo.

José — Estou empolgado! Nunca pensei na beleza e no significado dessa data. Agora sei o quanto nos é querido o 15 de Novembro!

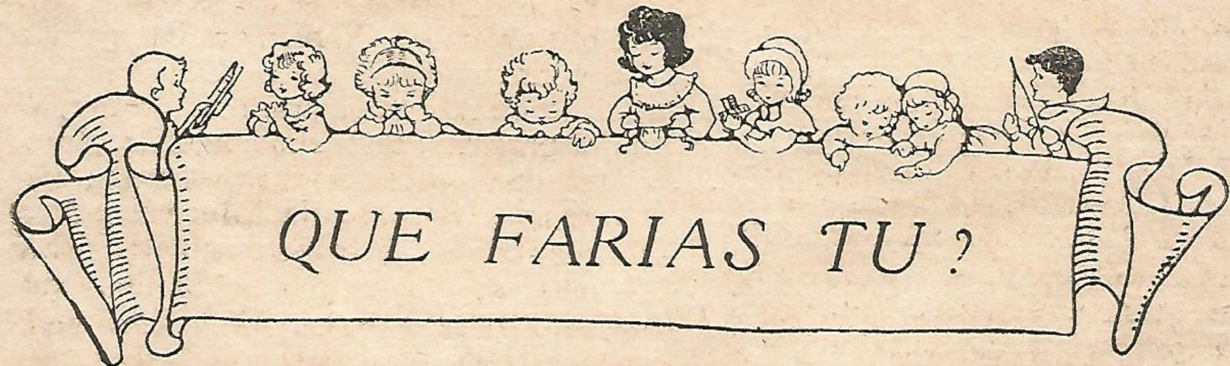
Júnia — Que Deus abençoe esta terra maravilhosa, eternamente verde na sua esperança, branca na sua paz, amarela na sua riqueza e azul na sua bondade.

Roberto — Brindemos a nossa Pátria cantando com a nossa alma cheia de amor à nossa terra e às suas instituições, o hino da proclamação da República!

(Cantam)

FIM

13-10-40.



"Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem".
— São Paulo.

O PEQUENO ENGRAXATE

Perto da igreja, na calçada de uma confeitaria, postava-se todos os domingos um pequeno engraxate, o Artur. Quem o visse esperto, trabalhador, alegre e brincalhão, mal cuidaria que aquele garoto franzino, de dez anos de idade, já lutava pelo seu próprio sustento!

Próximo à confeitaria, morava Eduardo, um menino rico, colega de turma do Artur. Eram bons amigos. Aos domingos, quando Eduardo vinha engraxar os sapatos antes de ir à igreja, conversavam longamente, faziam belos planos para o futuro... O pequeno pobre confiava na palavra do rico e seu coraçãozinho inexperiente e bom, sonhava, tinha visões fantásticas... Eduardo, futuro general, ingressá-lo-ia na carreira militar, andaria de bonde, teria roupas bonitas e sapatos bons, como os outros meninos que ele conhecia. E assim pensando, tornava-se de uma ale-

gria que a todos cativava. Dos engraxates daquele quarteirão, era sempre o mais procurado.

E engraxou durante muitos anos. Enquanto Eduardo passava de aspirante a oficial do exército, Artur adquiria alguns conhecimentos que colhia dos livros que lhe davam e das explicações de alguns rapazes bons e caridosos.

E os anos corriam. Artur já era um rapaz. No entanto, na esperança de encontrar novamente o amigo, nunca mudara o local do seu trabalho. Tinha progredido, é certo, pois já alugava uma porta, uma cadeira boa tinha para os fregueses e vendia tambem revistas e jornais. Frequentava um curso noturno e brilhava nos estudos. Quanta coisa que o amigo ainda não sabia! Que boa surpresa ele iria ter! Quando Eduardo o visse, como deveria ficar orgulhoso de o encontrar assim em franco progresso! E tudo quanto fazia, era pensando naquele grande amigo!

Num domingo, dois oficiais do exército dirigem-se à sua banca, para comprar jornais e engraxar as botas. Artur levou um susto; pensou ver num deles, a figura do amigo. "Mas se fosse", pensava consigo mesmo, "certamente ter-se-ia dado a conhecer...." Contudo, não podendo perder a oportunidade, indaga: "Algum dos senhores conhece Eduardo Fontes que..." e não terminou a frase porque foi logo corrigido: "Tenente Eduardo, faça favor! Este sou eu. Que deseja?" "Oh! o tenente Eduardo é você? Bem que mo dissera o coração!" E, ante a glacialidade do oficial, continua ainda: "Mas você não me conhece? Mudei tanto assim? Sou o Artur Sales, seu colega de escola, o seu amigo!" "Amigo?! Deve haver engano, meu rapaz", retruca Eduardo com ar sarcástico, "não tenho amigos engraxates!"

Dezoito anos depois.

Os canhões vomitam fogo sem cessar. No hospital do acampamento, o cirurgião operara um major baleado em combate. A operação fôra dificil, melindrosa. O médico devotado e incansavel, já há dois dias velava à cabeceira do enfermo que, graças a Deus e ao seu desvelo, começava a recobrar os sentidos e vida quasi extinta.

"Quem és, que me salvaste a vida?" pergunta o ferido, mal conseguindo abrir os olhos". "Sou Artur Sales; conheces-me?" Num pranto convulso, responde Eduardo: "Sim... o pequeno engraxate, amigo sincero e leal, de quem me envergonhei outrora, na presença de um colega! Tem compaixão de mim, pois teu perdão eu não mereço!"

E enquanto os presentes se entristeciam pensando que o enfermo tresvariasse ainda, Artur procurava dissipar o remorso de Eduardo com o seu perdão, acompanhado das mais sentidas e mais gratas lágrimas que lhe brotavam dalma! Salvara o amigo! Nada mais desejava; estava satisfeito!

Lúcia da Silva Porto.

(Extr. de "O Brado de Guerra").



O CARPINTEIRO

Capítulo VI

"ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS"

"*Perdoai, se tendes alguma coisa contra alguem, para que vosso Pai, que está nos céus, vos perdoe as vossas ofensas.*" (Marcos, 11:25.).

Embora sentindo deixar os parentes na fazenda, tia Sara achou que devia voltar à sua vila. "Gente velha prefere ficar no seu cantinho", disse o pai. Outra razão, porem, tinha ela para querer voltar logo. "Preciso falar à minha gente a respeito de Jesús", argumentou tia Sara. Ficou resolvido que Ester a acompanharia até o fim da viagem, cuidando bem dela.

Ester estava muito contente mas gostaria que Raquel tambem pudesse ir. Entretanto, não foi possivel, pois a mãe não podia dispensá-la durante a manhã. À tardinha, porem, Raquel poderia ir encontrar-se com Ester que já estaria de volta.

Com a longa caminhada a tia chegou bem cansada. A menina preparou-lhe água para o banho e comida para ambas. E, estando a tia pronta para descansar, Ester tratou de voltar.

— Leve esta jarra de presente para a mãe de Raquel, disse-lhe tia Sara. Desde pequena ela sempre cobiçou isto e queria dar-lhe agora, pois foi tão boa para mim. Você leva?

— Pois não, respondeu Ester, prontamente.

E, dizendo-lhe adeus, pegou o caminho de volta para casa.

O dia estava quente; e com o fulgor do sol Ester não demorou a sentir sêde. Deu graças quando chegou a uma nascente que havia à beira da estrada. Apressou os passos em sua direção, abaixou a jarra e encheu-a da água fresquinha que saia aos borbotões. Infelizmente, porem, uma das pedras em que Ester pisava, moveu-se, e ela, perdendo o equilíbrio, caiu. Num abrir e fechar de olhos ei-la de novo em pé, sacudindo a água do vestido, mas a jarra — a jarra que era um presente — batera numa pedra reduzindo-se a pedaços.

Ester ficou muito, muito aborrecida. E a mãe de Raquel, zangar-se-ia? Certamente havia de pensar que fora descuido seu. Por que a jarra lhe escapara das mãos? Por que a tia Sara lhe pedira para levar aquilo à fazenda? De repente teve um novo pensamento. Ora, por que falar na jarra? Ninguem sabia do presente e tão cedo ninguem iria encontrar-se com a tia. Até lá o presente estaria esquecido. O melhor, pois, era não dizer nada.

Nisso, avistou Raquel, ao longe na estrada, vindo ao seu encontro. Juntas fizeram a caminhada de retorno.

Com o passar do tempo o segredo de Ester parecia mais e mais seguro. E quando alguem falava em tia Sara ela sempre ficava quieta.

Uma tarde, depois de adormecer o Joãozinho, Raquel se dirigiu ao pasto onde, com a prima, tinha apostado corrida e onde conversara com Jesús. Em dado momento avistou Ester, tambem na pasto, mas na outra extremidade. Ela parecia olhar para a paineira e Raquel olhou tambem e para sua grande alegria, deu com Jesús lá, de pé. Teve a impressão de que Jesús passava por alí e tendo visto Ester, esperava por ela. Raquel, naturalmente, contava ver a prima correr a cumprimentar o Carpinteiro. Todavia ela assim não procedeu. Ao invés, virou-se rapidamente e tomou direção oposta, afastando-se dele.

Raquel ficou perplexa, pois, sem dúvida, Ester vira o seu Amigo. E ele, aquela forma bem amada, per-

deu-se de vista na estrada poeirenta. Raquel acompanhou-o com o olhar. Não o distinguindo mais, virou-se e viu Ester que se aproximava dela. Vendo-a em pranto, percebeu logo que alguma coisa não estava certa.

— Que aconteceu, Ester? interrogou-lhe com simpatia.

Ester revelou-lhe o segredo que se lhe tornara um fardo.

— Ora, vamos então falar com a mamãe, foi o sábio conselho de Raquel. Eu vou com você.

— E' verdade, eu preciso contar-lhe tudo, concordou Ester. Quando... quando eu vi Jesús, senti que precisava confessar minha falta. E não tive coragem de ir conversar com ele.

Foram então ambas contar o caso à mamãe que o escutou com atenção e complacência.

— Nunca mais procederei assim, concluiu Ester, pesarosa. Constantemente, ao pensar em tia Sara, sentia receio de me encontrar com Jesús, pois bem sabia que assim não poderia ser sua amiga. E de fato, quando o avistei, decidí que eu *precisava* ser sua amiga, custasse o que custasse.

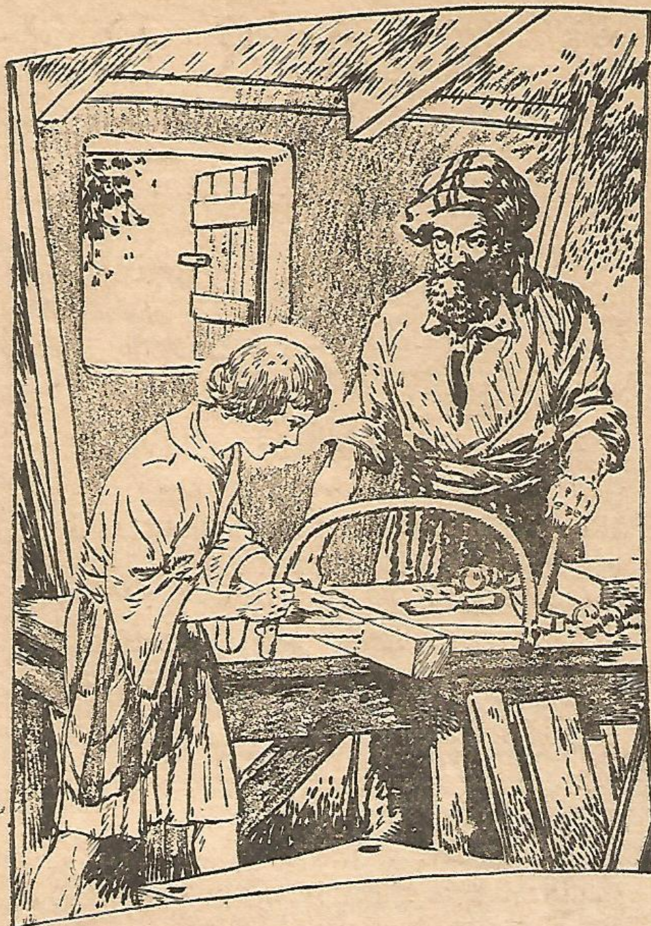
— Você tem razão, falou bondosamente a mãe, pois quem já provou a amizade de Jesús, dificilmente viverá sem ela.

Ester sentiu-se aliviada; seu coração, que estivera tão aflito, descansava agora em paz. Marcos, entretanto, ouvira a confissão da prima e achou que ela já não mais merecia a sua confiança, resultando daí a mudança em seus modos para com ela.

Esta diferença não lhe passou despercebida e tanto ela como Raquel ficaram muito amoladas com aquilo. A mãe as consolava, sorrindo:

— Deixem estar, tenham paciência. Marcos ainda não conhece bem o Carpinteiro.

Passado algum tempo, Marcos precisou ir a Nazaré e resolveu visitar o Carpinteiro, pois havia dias andava muito aborrecido.



Por uma razão ou outra, era natural pensar-se no Carpinteiro quando se sentia triste. E Marcos sabia perfeitamente que ele tinha um modo maravilhoso de curar o sofrimento, trazendo ao coração paz e tranquilidade. Às vezes ele o fazia, proferindo alguma coisa que aos outros parecia tão exquisito mas que aclarava uma nova verdade, fazendo-a luzir como as estrelas; outras vezes bastava o seu olhar, a sua serenidade, as suas maneiras. E assim foi que o rapaz em dificuldades enveredou por aquela rua estreita em busca da casa do Carpinteiro, suspirando por encontrá-lo.

Encontrou-o atarefado com o trabalho. Parece até exquisito, mas ele sempre estava lá quando era procurado. Um sorriso foi a sua saudação e o rapaz sentou-se no banquinho de Raquel em frente ao Amigo de Raquel. Por uns momentos quedou-se a observar não só aquelas fortes mãos em serviço mas tambem o semblante meigo do trabalhador. E de repente, sem nem saber como, sentiu-

se à vontade para lhe confidenciar a sua preocupação.

— Papai está zangado comigo, principiou ele, porque eu lhe desobedecí um dia, indo à colina em vez de fazer meu serviço no campo. Depois eu me arrependi e pedi-lhe desculpas, mas desde então tudo me vai mal. Acho que ele devia perdoar-me.

Houve um longo silêncio. Então o Carpinteiro disse com doçura:

— Ele já lhe perdoou. Não tenha dúvida.

— Mas eu não me sinto perdoado, disse Marcos com espanto.

— Sim, concordou o Carpinteiro. Em geral é muito dificil sentir-se perdoado enquanto não se perdoa aos outros.

"Que queria ele dizer?" O rapaz esquadrinhou aquele rosto tão calmo e sentiu o seu rosto afoguear-se. O Carpinteiro sorriu.

— Isso é um mistério, disse ele, mas é verdade. E nós aprendemos verdades assim exquisitas, Marcos, pondo-as em prática.

Novamente reinou silêncio na oficina. Foi Marcos quem falou primeiro, o rosto a queimar-lhe:

— Mas eu não encobri a minha falta, eu não enganei o papai, antes, disse-lhe tudo.

— Sim, disse o Carpinteiro. Fez muito bem.

E, de pé ao lado de sua mesa de trabalho, parou a olhar docemente para o menino. Por poucos instantes Marcos suportou o seu olhar, não mais. Sentiu o coração inflamar-se e arrasando-se-lhe os olhos de lágrimas, não viu o Carpinteiro aproximar-se dele; sentiu, porem a sua mão pousar-lhe no ombro e ouviu uma voz terna e meiga dizer: "Pai, perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores."

* * *

Marcos entrou em casa apressado e desejoso de puxar prosa:

— Ester, você viu onde as andorinhas estão construindo ninho? Lá sob o telhado do paiol! Venha ver!

Ester aquiesceu, movida pela brandura de sua voz. Seu rosto irradiava a alegria que lhe ia no coração pela volta do *antigo* Marcos.

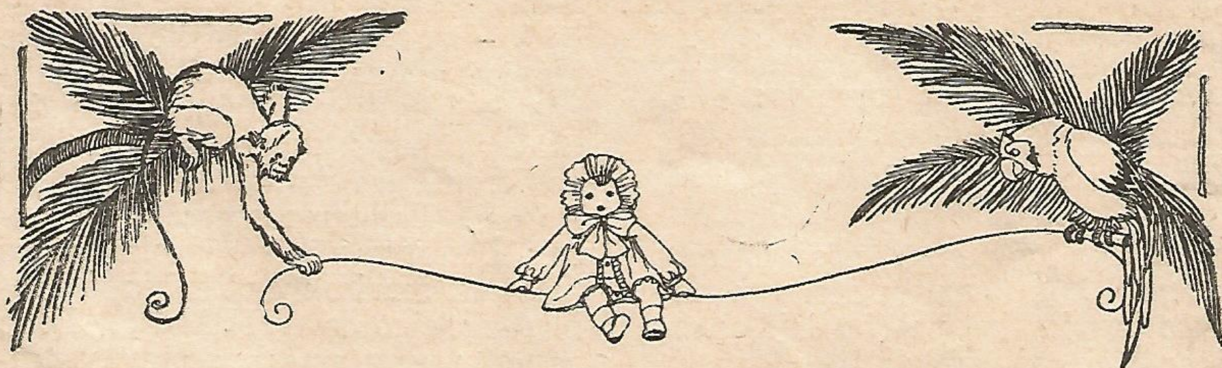
— Vou, sim, foi a resposta imediata. E Raquel tambem vai.

Estavam diante do paiol quando passou o pai, vindo do campo. Ouvindo a voz deles, aproximou-se, mas Marcos nem deu por isso, tão ocupado estava em mostrar-se gentil para com Ester, como que a desforrar todo o tempo de sua frieza para com ela. O pai observou-o satisfeito por ver a amabilidade do filho e não conteve o riso. Marcos, virando-se de repente, viu aquele sorriso e exclamou alegremente:

— Papai!

E as nuvens se dissiparam!

(Continua).



PEQUENO BEN

Assim se chamava um pequeno africano cuja existência tinha começado muito tristemente. Quando ainda muito pequenino, o seu pobre corpinho tinha-se coberto de chagas horríveis que causavam nojo a toda a gente. Por isso Pequeno Ben não tinha companheiros: os irmãos evitavam-no, e mesmo o pai e a mãe lhe diziam que estimariam que um leão ou um leopardo o comesse, ou que um crocodilo o tragasse. Ninguem amava Pequeno Ben, e ele não podia compreender porque tinha nascido.

E os dias iam passando, os dias e os anos, e Pequeno Ben sempre só com os seus pensamentos. Muitas vezes olhava para o céu e perguntava a si mesmo: "Quem estará lá em cima? Donde vem o sol, e para onde vai? Quem vive no país do sol? Talvez alguém capaz de me amar; quem sabe?"

Êle não sabia bem o que era ser amado; mas vendo o sol percorrer o céu, expulsar as trevas, e iluminar o mundo com aquela bela luz, sentindo o calor dos seus raios, Pequeno Ben dizia consigo: "Quem acende o sol deve ser alguem muito bom".

E resolveu que um dia havia de desvendar aquele mistério. Mas ele era tão pequeno para uma viagem tão longa! Com certeza seria preciso atravessar florestas imensas e cheias de feras que num pronto o devorariam como o pai desejava; encontraría tambem grandes rios com muitos crocodilos, esses crocodilos de que ele tinha tanto medo. Quem havia de o ajudar? Ninguem o amava!...

Resignou-se a esperar. E lá ficou, esperando e pensando.

Sempre que tentava aproximar-se de outras crianças, estas fugiam gritando-lhe coisas feias, e deixavam-no só. O pobrezinho dormia a um canto, sòzinho, e muitas vezes passava a noite a chorar, e ninguem se importava com isso nem mesmo a mãe.

Mas vós sabeis que nos é dito no Livro de Deus, a Bíblia, que "quando meu pai e minha mãe me desampararem, o Senhor me recolherá" (Salmo 27:10). E, como a Palavra de Deus diz sempre a verdade, vou contar-vos como ela se cumpriu com o nosso amiguinho.

Às coisas, em vez de melhorar, peoravam à medida que Pequeno Ben crescia. Sentia-se tão infeliz que a morte lhe parecia preferivel a uma vida como a sua. E contudo tinha medo de morrer; a idéia da morte causava-lhe calafrios.

Por fim, uma bela manhã, o sol pareceu-lhe mais belo que nunca, e êle resolveu partir imediatamente em busca do Ser bondoso que dia após dia enviava o brilhante sol. E ei-lo a caminho, sòzinho. Andou, andou, andou, mas parecia-lhe que não estava mais perto daquilo què buscava. Chegou a noite, e com ela as trevas e o terror. Um indígena consentiu que Pequeno Ben passasse a noite na sua cubata; mas quando pela manhã o viu, coberto de chagas horríveis, expulsou-o sem piedade.

Assim começou o segundo dia da peregrinação de Pequeno Ben. E dia após dia, lá ia êle avançando na direção do sol nascente, e nunca se aproximando dele o que muito o admirava. As lágrimas corriam-lhe pelas faces cavas, mas ele não desanimava e esforçava-se por ter coragem.

Os pais estavam todos contentes por se verem livres dele, imaginando que tivesse sido devorado por qualquer fera logo na primeira noite. Mas Deus velava por Pequeno Ben; em breve ele iria conhecer Aquele que o amava e o tomaria a Seu cuidado.

Encontrando-me eu a passar uma temporada numa Estação Missionária, certo dia, perto do meio-dia, vimos aproximar-se um pobre entesinho de aspecto mais repelente e miserável que imaginar-se pode. Sentou-se no chão exhausto. O coração do meu amigo missionário ficou profundamente comovido diante de tão grande desgraça e sofrimento.

Ao principio não respondia às nossas perguntas; mas, vendo que não lhe queriamos mal, Pequeno Ben contou-nos pouco a pouco a sua história, a sua triste história; disse-nos porque tinha saido de casa, e para onde ia: à procura de "alguem que o amasse".

Lavaram-lhe e pensaram-lhe as chagas; deram-lhe um fatinho dos que usam os pequenos indígenas nas Estações Missionárias, e uma manta para a noite. Recomendaram aos outros rapazinhos que conheciam já alguma coisa do amor de Cristo, que fossem bons para Pequeno Ben e o tratassem bem; e eles assim fizeram.

O coração de Pequeno Ben foi tocado pelo amor de que se viu cercado; e quando, passados quinze dias, lhe perguntaram se ainda tinha vontade de ir ao lugar onde nasce o sol, respondeu: "Não, porque já encontrei aquí alguem que me ama".

Numa reunião de oração, Pequeno Ben desatou a soluçar, e pediu a Deus para salvar a sua alma e encher-lhe o coração do amor de Jesús que ele queria aceitar como Salvador. Oração admirável de um rapazinho que nunca tinha orado! Deus ouviu essa oração, e operou uma grande mudança naquele coração. Pequeno Ben nunca perdia uma oportunidade de ouvir falar de Jesús que tinha aprendido a amar e

que, sabia-o agora, tambem o amava a ele. Naquele coração infantil passavam-se coisas estranhas, coisas que só Deus Espírito Santo pode operar.

Dois meses depois da chegada, quando as úlceras estavam quasi curadas, Pequeno Ben anunciou súbitamente que voltava para casa.

—Essa agora! Então, teu pai e tua mãe queriam que os leões te comessem, e tu queres voltar para casa?!

—Quero; quero falar-lhes de Jesús. Êles nunca ouviram falar d'Êle.

E o pequeno missionário deixou-nos para fazer outra vez sózinho a longa e perigosa viagem; mas desta vez não tinha medo.

Chegou são e salvo a casa. Os pais ficaram muito surpreendidos por o verem. Estava tão mudado! Das úlceras só restavam leves cicatrizes. Quem o tinha transformado dessa maneira? Que aventuras tinha encontrado? Porque tinha partido? Onde tinha ido? Fizeram-lhe todas estas perguntas, e muitas mais. Pequeno Ben satisfez-lhes a curiosidade e disse-lhes tudo o que tinha aprendido a respeito do Senhor Jesús, de Deus que está no céu, do Livro de Deus — tudo o que lhe tinham ensinado.

—Conta mais, — disse o pai quando ele se calou.

—Não sei mais — replicou Pequeno Ben.

—Então, repete o que disseste.

E Pequeno Ben repetiu uma e muitas vezes a sua maravilhosa narrativa.

—Volta para lá e aprende tudo o que puderes — disseram os pais. — Leva contigo a tua irmã mais nova, e quando souberes tudo, volta para nos ensinares.

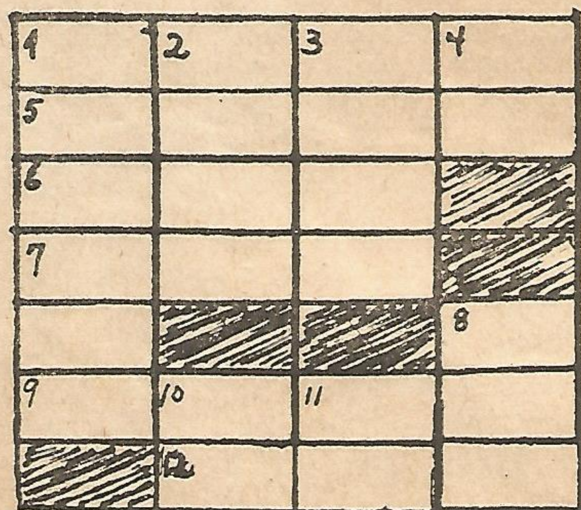
Pequeno Ben chegou à Missão todo contente, e cheio de importância por levar a irmãzinha. Esta bem de-pressa aprendeu a amar o Senhor Jesús, e as duas crianças aplicaram-se a aprender a ler e escrever, para poderem levar à família e à aldeia o glorioso Evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesús Cristo.

Meu leitorzinho, conheces o amor de Jesús Cristo por ti, conheces o Bom Pastor que deu a Sua vida pelas suas ovelhas e que disse: "Deixai vir a Mim os pequeninos, e não os embaraceis"? Pensa naqueles dois pequeninos que, tendo conhecido o amor de Jesús, quiseram logo levar a outros esse conhecimento; e faze o mesmo!

W. M.

(Extraído de "Raio de Sol").

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:

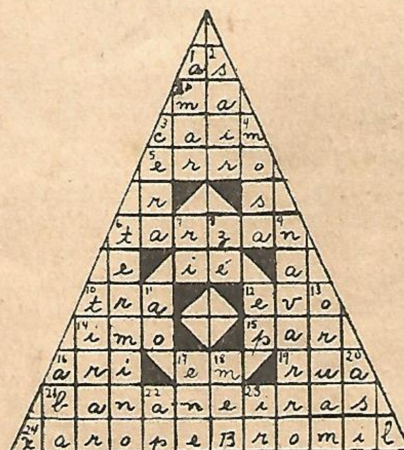
1. Uma das três camadas denominadas por Eduardo Suess.
5. Lago do Canadá.
6. Barulho do relógio.
7. Do verbo *usar*.
9. Nome de homem sem a 1.ª letra.
12. Dono, senhor. (invertido).

Verticais:

1. Um planeta.
2. Um planetoide.
3. Palavra célebre pronunciada por D. Pedro I.
4. Sem valor.
8. Satélite da Terra.
10. Pedra de moinho.
11. Preposição.

RUTE CARDOSO

Aluna do Ginásio Americano de Lins.





QUEM É QUE SABE?

1) Completar : *Então dirá o homem : Deveras há uma recompensa para o justo ; deverás há. . .*
2) Corrigir : Espero que V. S. possa dedicar-me um pouco do vosso precioso tempo.
3) Onde foram inventados os relógios de algibeira ?
4) Que parte do nosso corpo é tambem uma medida ?
5) Que orgão do nosso corpo tem alunas ?
6) Em que dia, mês e ano nasceu o nosso atual presidente, Getúlio Vargas ?
7) Em que ano começou ele a dirigir o Brasil ?
8) Quantas constituições já teve o Brasil ?
9) Que é que nos pertence e é mais usado pelos outros que por nós mesmos ?
10) Que parte do nosso corpo é tambem uma árvore.
11) Que parentesco havia entre o Marechal Deodoro da Fonseca e o presidente Hermes da Fonseca ?
12) Os peixes fecham os olhos para dormir ?
13) Por que Jerônimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho, foi apelidado— Jerônimo, o Torto ?
14) Qual é o empregado que, ganhando uma letra inicial, passa a ser meteoro elétrico.
15) De quem é a letra e música do hino à bandeira brasileira ?

Respostas às perguntas de outubro.

1) *Nós perdoamos aos nossos devedores.*
2) Tu e tua irmã *podieis* ir sem *mim,*
3) Onça.
4) Cair.
5) Caneca.
6) Boa.
7) A mussurana.
8) Não, as serpentes precisam de uma superfície áspera para poder firmar-se e andar.
9) O soro anti-ofídico.
10) *Insigne* - ilustre, distinto. *Lábaro* - bandeira, estandarte. *Flâmula* - galhardete. *Fâmulo* - serviçal, criado.
11) Benjamin West, insigne pintor norte-americano.
12) E' o *Empire State Building* em Nova York com 102 andares.
13) Do Regente do Brasil, dr. Araujo Lima, ao menino D. Pedro II na ocasião em que, consultando si queria em verdade dirigir o Império e quando, recebeu dele a seguinte resposta · *Quero já.*
14) A mão de tinta.
15) Com 14 anos.

ALGUMA COISA PARA FAZER

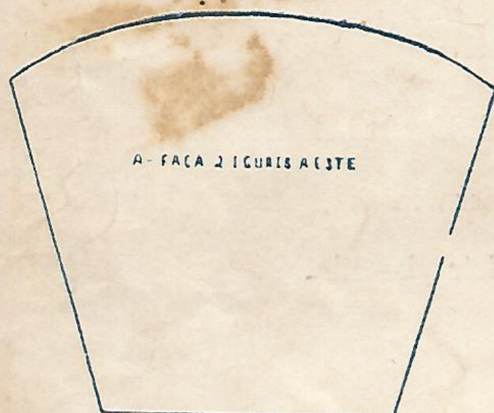


Meninos, alerta! Aproxima-se o Natal — época em que todos se esforçam por dar um presentinho aos parentes e amigos.

Não gostariam, pois, vocês que são habeis e muito jeitosos, de fazer uma surpresa às suas irmãzinhas?

Damos hoje um modelo facílimo de bercinho para bonecas.

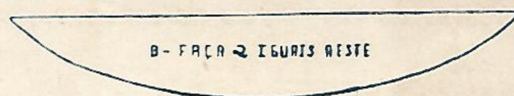
Vejam lá: . .

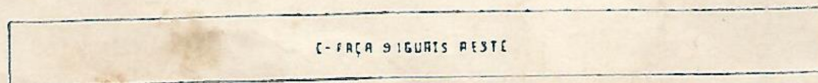


Arranjem qualquer madeira fina e macia, como a desses caixotinhos que facilmente se encontram nas mercearias. Os pedaços indicados nas letras A e B devem ser um pouco mais grossos. Com o auxílio do canivete e de uma lixa vocês devem arredondar e alisar bem os cantos superiores da letra A e a parte inferior da letra B. Com preguinhos vocês ponham com segurança as nove taboinhas como nos mostra a gravura, três de cada lado e três para fazer o estrado. A letra A precisa ficar bem no centro da letra B para que o bercinho balance mansamente, sem dar soco.

Se puderem, pintem-no de branco, azul claro ou cor de rosa.

Observem depois com que carinho suas irmãs ou amiguinhas vão colocar nele o bebezinho querido e verão que alem do prazer de *fazer* ainda há o prazer de *dar*.





Eis aquí três barquinhos de cortiça. Basta arranjar cortiça, palitos e papel e uma moeda de 100 réis para manter o equilíbrio do primeiro. Com um pouco de jeito vocês terão com que se distrair por umas horas.

Experimentem.

